

Advento: vocação cristã

Homilia de S. Josemaria sobre o tempo do Advento, recolhida em Cristo que passa.

20/11/2008

(Homilia pronunciada em 2 de dezembro de 1951, primeiro domingo do Advento)

Começa o ano litúrgico e o intróito da Missa propõe-nos uma consideração

intimamente relacionada com o princípio da nossa vida cristã: a vocação que recebemos. *Vias tuas, Domine, demonstra mihi et semitas tuas edoce me*, mostra-me Senhor os teus caminhos e ensina-me as tuas veredas. Pedimos ao Senhor que nos guie, que nos deixe ver os seus passos, para que possamos aspirar à plenitude dos seus mandamentos que é a caridade.

Julgo que vós, tal como eu, ao pensar nas circunstâncias que acompanharam a vossa decisão de vos esforçardes por viver integralmente a fé, dareis muitas graças ao Senhor e tereis a convicção sincera –sem falsas humildades– de que não há mérito algum da vossa parte. Geralmente, aprendemos a invocar Deus desde a infância, dos lábios de pais cristãos. Mais adiante, professores, companheiros e simples conhecidos ajudaram-nos de muitas

maneiras a não perder de vista Jesus Cristo.

Um dia (não quero generalizar; abre o coração ao Senhor e conta-lhe tu a história) talvez um amigo, um cristão normal e corrente como tu, te tenha feito descobrir um panorama profundo e novo e ao mesmo tempo tão antigo como o Evangelho.

Sugeriu-te a possibilidade de te empenhares seriamente em seguir Cristo, em ser apóstolo de apóstolos.

Talvez tenhas perdido então a tranquilidade e não a terás recuperado, convertida em paz, até que, livremente, "porque muito bem te apeteceu" –que é a razão mais sobrenatural– respondeste a Deus que sim. E veio a alegria, vigorosa, constante, que só desaparece quando te afastas d'Ele.

Não me agrada falar de escolhidos nem de privilegiados. Mas é Cristo quem fala disso, quem escolhe. É a

linguagem da escritura: *elegit nos in ipso ante mundi constitutionem* – diz S. Paulo – *ut essemus sancti*, escolheu-nos antes da criação do mundo para sermos santos. Eu sei que isto não te enche de orgulho, nem contribui para que te consideres superior aos outros homens. Essa escolha, raiz do teu chamamento, deve ser a base da tua humildade. Costuma levantar-se porventura algum monumento aos pincéis dum grande pintor? Serviram para fazer obras-primas mas o mérito é do artista. Nós - os cristãos - somos apenas instrumentos do Criador do mundo, do Redentor de todos os homens.

Os Apóstolos, homens correntes

A mim, anima-me muito considerar um precedente, narrado passo a passo, nas páginas do Evangelho: a vocação dos primeiros doze. Vamos meditá-la devagar, pedindo a essas santas testemunhas do Senhor que

saibamos seguir Cristo como eles o fizeram.

Aqueles primeiros doze apóstolos –a quem tenho grande devoção e carinho– eram, segundo os critérios humanos, bem pouca coisa. Quanto à posição social, com exceção de Mateus –que com certeza ganhava bem a vida e deixou tudo quando Jesus lhe pediu– eram pescadores; viviam do dia-a-dia, trabalhando até de noite para poderem alcançar o seu sustento.

Mas a posição social é o de menos. Não eram cultos, nem sequer muito inteligentes, pelo menos no que diz respeito às realidades sobrenaturais. Até os exemplos e as comparações mais simples lhes eram incompreensíveis e pediam ao Mestre: *Domine, edissere nobis parabolam*, Senhor, explica-nos a parábola. Quando Jesus, com uma imagem, alude ao fermento dos

fariseus, supõem que os está a recriminar por não terem comprado pão.

Pobres, ignorantes. E nem sequer eram simples, humildes. Dentro das suas limitações, eram ambiciosos. Muitas vezes discutem sobre quem seria o maior, quando –segundo a sua mentalidade– Cristo instaurasse na terra o reino definitivo de Israel. Discutem e excitam-se até naquela hora sublime em que Jesus está prestes a imolar-se pela humanidade, na intimidade do Cenáculo.

Fé? Pouca. O próprio Jesus Cristo o diz. Viram ressuscitar mortos, curar todo o tipo de doenças, multiplicar o pão e os peixes, acalmar tempestades, expulsar demónios. Pois S. Pedro, escolhido como cabeça, é o único que sabe responder com prontidão: *Tu és o Cristo, Filho de Deus vivo.* Mas é uma fé que ele interpreta à sua maneira; por isso

atreve-se a enfrentar Jesus Cristo, a fim de que Ele não se entregue pela redenção dos homens. E Jesus tem de responder-lhe: *Retira-te de mim, Satanás; tu serves-me de escândalo, porque não tens a sabedoria das coisas de Deus mas das coisas dos homens.* Pedro raciocinava humanamente, comenta S. João Crisóstomo, e concluía que tudo aquilo (a Paixão e a Morte) era *indigno de Cristo, reprovável.* Por isso Jesus repreende-o e diz-lhe: *não, sofrer não é coisa indigna de Mim; tu pensas assim porque raciocinas com ideias carnais, humanas.*

Em que sobressaem então aqueles homens de pouca fé? Talvez no amor a Cristo? Sem dúvida que O amavam, pelo menos de palavra. Chegam até a deixar-se arrebatar pelo entusiasmo: *Vamos nós também e morramos com Ele.* Mas à hora da verdade, todos hão de fugir, excepto João, que O amava com obras e de verdade. Só

este adolescente, o mais jovem dos Apóstolos, permanece junto da cruz. Os outros não sentiam esse amor tão forte como a morte.

Eram estes os discípulos escolhidos pelo Senhor; assim os escolhe Cristo; assim se comportavam antes de que, cheios do Espírito Santo, se tornassem colunas da Igreja. São homens correntes, com defeitos, com debilidades, com palavras maiores do que as suas obras. E, contudo, Jesus chama-os para fazer deles pescadores de homens, co-redentores, administradores da graça de Deus.

Sucedeu connosco uma coisa semelhante. Sem grande dificuldade, poderíamos encontrar na nossa família, entre os nossos amigos e companheiros –para não me referir já ao imenso panorama do mundo– tantas pessoas mais dignas do que nós de receber o chamamento de

Cristo. Mais simples, mais sábias, mais influentes, mais importantes, mais gratas, mais generosas...

Eu, ao pensar nisto, fico envergonhado. Mas comprehendo também que a nossa lógica humana não serve para explicar as realidades da graça. Deus costuma procurar instrumentos fracos para que se manifeste com evidente clareza que a obra é sua. O próprio S. Paulo evoca com estremecimento a sua vocação; *e por último, depois de todos, foi também visto por mim, como por um aborto. Porque eu sou o mínimo dos apóstolos, que não sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus.* Assim escreve Paulo de Tarso, homem de uma personalidade e de um vigor que a história não fez mais do que engrandecer.

Fomos chamados sem mérito algum da nossa parte, dizia-vos. Realmente,

na base da nossa vocação está o conhecimento da nossa miséria, a consciência de que as luzes que iluminam a alma –a fé–, o amor com que amamos –a caridade– e o desejo que nos mantém –a esperança– são dons gratuitos de Deus. Por isso, não crescer em humildade significa perder de vista o objectivo da escolha divina: *ut essemus sancti*, a santidade pessoal.

Agora, tomando como ponto de partida essa humildade, podemos compreender toda a maravilha da chamada divina. A mão de Cristo colheu-nos num trigal: o semeador aperta na sua mão chagada o punhado de trigo; o sangue de Cristo banha a semente, empapa-a. Depois, o Senhor lança ao ar esse trigo, para que, morrendo, seja vida e, afundando-se na terra, seja capaz de multiplicar-se em espigas de oiro.

Já é hora de despertar

A Epístola da Missa recorda-nos que temos de assumir esta responsabilidade de apóstolos com novo espírito, com ânimo, despertos. *Porque já é hora de nos levantarmos do sono. Porquanto agora está mais perto a nossa salvação do que quando abraçámos a fé. A noite está quase passada e o dia aproxima-se.*

Deixemos, pois, as obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz. Dir-me-eis que isso não é fácil, e não vos faltará razão. Os inimigos do homem, que são os inimigos da santidade, procuram impedir essa vida nova, que é revestirmo-nos com o espírito de Cristo. Não conheço melhor enumeração dos obstáculos à fidelidade cristã do que a que nos dá S. João: *concupiscentia carnis, concupiscentia oculorum et superbia vitae.* Tudo o que há no mundo é concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e soberba de vida.

A concupiscência da carne não é só a tendência desordenada dos sentidos em geral nem a apetência sexual, que deve ser ordenada, mas que não é má em si mesma, pois é uma nobre realidade humana santificável. Por isso, nunca falo de impureza mas de pureza, porque a todos se dirigem as palavras de Cristo: *bem-aventurados os limpos de coração porque verão a Deus*. Por vocação divina, alguns terão de viver essa pureza no matrimónio; outros, pelo contrário, renunciarão aos amores humanos, para corresponderem única e apaixonadamente ao amor de Deus. Nem uns nem outros devem ser escravos da sensualidade, mas senhores do seu corpo e do seu coração para os poderem dar sacrificadamente aos demais.

Ao tratar da virtude da pureza, costumo acrescentar o qualificativo de *santa*. A pureza cristã, a santa pureza, não é o orgulho de sentir-se

puro, não contaminado; é saber que temos os pés de barro, embora a graça de Deus nos livre dia a dia das ciladas do inimigo. Considero uma deformação do cristianismo a insistência de algumas pessoas em escrever ou pregar quase exclusivamente sobre esta matéria, esquecendo outras virtudes que são capitais para o cristão e, em geral, para a convivência entre os homens.

A santa pureza não é a única nem a principal virtude cristã; contudo, é indispensável para perseverar no esforço diário da nossa santificação e sem ela não é possível dedicar-se ao apostolado. A pureza é consequência do amor com que entregámos ao Senhor a alma e o corpo, as potências e os sentidos. Não é uma negação; é uma alegre afirmação.

Dizia que a concupiscência da carne não se reduz exclusivamente à desordem da sensualidade; também

se traduz no comodismo, na falta de vibração que incita a procurar o que é mais fácil, o mais agradável, o caminho aparentemente mais curto, por vezes à custa de ceder na fidelidade a Deus.

Comportar-se assim seria como abandonar-se ao império duma daquelas leis –a do pecado– contra as quais nos previne S. Paulo: *Eu encontro, pois, esta lei em mim: quando quero fazer o bem, o mal está junto de mim; porque me deleito na lei de Deus, segundo o homem interior; mas vejo nos meus membros outra lei que se opõe à lei do meu espírito e que me faz escravo da lei do pecado, que está nos meus membros. Infeliz ego homo! Infeliz de mim! Quem me livrará deste corpo de morte?* Ouvi o que responde o apóstolo: *a graça de Deus por Jesus Cristo Nossa Senhor.* Podemos e devemos lutar contra a concupiscência da carne, porque, se

formos humildes, sempre nos será concedida a graça do Senhor.

O outro inimigo, escreve S. João, é a concupiscência dos olhos, uma avareza de fundo que nos leva a valorizar apenas o que se pode tocar. Os olhos ficam como que pegados às coisas terrenas e, por isso mesmo, não sabem descobrir as realidades sobrenaturais. Podemos, portanto, socorrer-nos desta expressão da Sagrada Escritura para nos referirmos à avareza dos bens materiais e, além disso, àquela deformação que nos leva a observar o que nos rodeia –os outros, as circunstâncias da nossa vida e do nosso tempo– só com visão humana.

Os olhos da alma embotam-se; a razão crê-se auto-suficiente para compreender todas as coisas, prescindindo de Deus. É uma tentação subtil, que se apoia na dignidade da inteligência, da

inteligência que o nosso Pai, Deus, deu ao homem para que O conheça e O ame livremente. Arrastada por essa tentação, a inteligência humana considera-se o centro do universo, entusiasma-se de novo com a falsa promessa da serpente, *sereis como deuses*, e, enchendo-se de amor por si mesma, volta as costas ao amor de Deus.

Deste modo, a nossa existência pode entregar-se sem condições nas mãos do terceiro inimigo, a *superbia vitae*. Não se trata simplesmente dos pensamentos efémeros de vaidade ou de amor próprio; é uma presunção generalizada. Não nos enganemos, porque este é o pior dos males, a raiz de todos os extravios. A luta contra a soberba há-de ser constante, pois não se disse já, dum modo tão gráfico, que essa paixão só morre um dia depois da morte da pessoa? É a altivez do fariseu, a quem Deus se mostra renitente em

justificar por encontrar nele uma barreira de auto-suficiência. É a arrogância que conduz a desprezar os outros homens, a dominá-los, a maltratá-los, porque, *onde houver soberba aí haverá também ofensa e desonra.*

A misericórdia de Deus

Começa hoje o tempo do Advento e é bom que tenhamos considerado as insídias destes inimigos da alma: a desordem da sensualidade e a leviandade; o desatino da razão que se opõe ao Senhor; a presunção altaneira, esterilizadora do amor a Deus e às criaturas.

Todas estas disposições de ânimo são obstáculos certos e o seu poder perturbador é grande. Por isso a liturgia faz-nos implorar a misericórdia divina: *a ti elevo a minha alma, Senhor, meu Deus. E em ti confio; não seja eu confundido! Não riam de mim os meus inimigos,*

rezamos no intróito. E na antífona do ofertório iremos repetir: *espero em ti; que eu não seja confundido!*

Agora que se aproxima o tempo da salvação, dá gosto ouvir dos lábios de S. Paulo: *depois de Deus, Nosso Salvador, ter manifestado a sua benignidade e o seu amor para com os homens, libertou-nos, não pelas obras de justiça que tivéssemos feito, mas por sua misericórdia.*

Se lerdes as Santas Escrituras, descobrireis constantemente a presença da misericórdia de Deus: *enche a terra, estende-se a todos os seus filhos, super omnem carnem; cerca-nos, antecede-nos, multiplica-se para nos ajudar e foi continuamente confirmada.* Deus tem-nos presente na sua misericórdia, ao ocupar-se de nós como Pai amoroso. É uma misericórdia *suave, agradável, como a nuvem que se desfaz em chuva no tempo da seca.*

Jesus Cristo resume e compendia toda a história da misericórdia divina: *Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.* E, noutra ocasião: *Sede pois misericordiosos como também vosso Pai é misericordioso.* Ficaram também muito gravadas em nós, entre muitas outras cenas do Evangelho, a clemência com a mulher adúltera, a parábola do filho pródigo, a da ovelha perdida, a do devedor perdoado, a ressurreição do filho da viúva de Naim. Quantas razões de justiça para explicar este grande prodígio! Era o filho único daquela pobre viúva; era ele quem dava sentido à sua vida; só ele poderia ajudá-la na sua velhice! Mas Cristo não faz o milagre por justiça; fá-lo por compaixão, porque interiormente se comove perante a dor humana.

Que segurança deve produzir-nos a comiseração do Senhor! *Se ele clamar*

por mim, ouvi-lo-ei, porque sou misericordioso. É um convite, uma promessa que não deixará de cumprir. Aproximemo-nos, pois, confiadamente do trono da graça a fim de alcançar misericórdia e o auxílio da graça, no tempo oportuno. Os inimigos da nossa santificação nada poderão, porque essa misericórdia de Deus nos defende. E se caímos por nossa culpa e da nossa fraqueza, o Senhor socorre-nos e levanta-nos. *Tinhas aprendido a afastar a negligência, a afastar de ti a arrogância, a adquirir piedade, a não ser prisioneiro das questões mundanas, a não preferir o caduco ao eterno. Mas, como a debilidade humana não pode manter o passo decidido num mundo resvaladiço, o bom médico indicou-te também os remédios contra a desorientação e o juiz misericordioso não te negou a esperança do perdão.*

Correspondência humana

É neste clima da misericórdia de Deus que se desenvolve a existência do cristão. Este é o âmbito do seu esforço por se comportar como filho do Pai. E quais são os principais meios para conseguirmos que a vocação se mantenha firme? Vou dizer-te hoje dois, que são dois eixos vivos da conduta cristã: a vida interior e a formação doutrinal, o conhecimento profundo da nossa fé.

Vida interior, em primeiro lugar. Há ainda tão pouca gente que entenda isto! Ao ouvir falar de vida interior, pensa-se logo na obscuridade do templo, quando não no ambiente abafado de algumas sacristias. Estou há mais de um quarto de século a dizer que não se trata disso. Eu falo da vida interior de cristãos normais e correntes, que habitualmente se encontram em plena rua, ao ar livre; e que na rua, no trabalho, na família e nos momentos de diversão estão unidos a Jesus todo o dia. E o que é

isto senão vida de oração contínua? Não é verdade que comprehendeste a necessidade de ser alma de oração, numa intimidade com Deus que te leva a *endeusar-te*? Esta é a fé cristã e assim o comprehenderam sempre as almas de oração. *Torna-se Deus aquele homem*, escreve Clemente de Alexandria, *porque quer o mesmo que Deus quer*.

A princípio custará. É preciso esforçarmo-nos por nos dirigir ao Senhor, por lhe agradecermos a sua piedade paternal e concreta para connosco. A pouco e pouco o amor de Deus torna-se palpável –embora isto não seja coisa de sentimentos– como uma estocada na alma. É Cristo que nos persegue amorosamente: *Eis que estou à porta e chamo*. Como anda a tua vida de oração? Não sentes às vezes, durante o dia, desejos de falar mais devagar com Ele? Não Lhe dizes: logo vou contar-te isto e aquilo;

logo vou conversar sobre isso
contigo?

Nos momentos dedicados
expressamente a esse colóquio com o
Senhor o coração expande-se, a
vontade fortalece-se, a inteligência –
ajudada pela graça– enche a
realidade humana com a realidade
sobrenatural. E, como fruto, sairão
sempre propósitos claros, práticos,
de melhorares a tua conduta, de
tratares delicadamente, com
caridade, todos os homens, de te
empenhares a fundo –com o
empenho dos bons desportistas–
nesta luta cristã de amor e de paz.

A oração torna-se contínua como o
bater do coração, como as pulsações.
Sem essa presença de Deus não há
vida contemplativa. E sem vida
contemplativa de pouco vale
trabalhar por Cristo, porque em vão
se esforçam os que constroem se
Deus não sustenta a casa.

O sal da mortificação

Para se santificar, o cristão corrente –que não é um religioso e não se afasta do mundo, porque o mundo é o lugar do seu encontro com Cristo– não precisa de hábito externo nem sinais distintivos. Os seus sinais são internos: a constante presença de Deus e o espírito de mortificação. Na realidade, são uma só coisa, porque a mortificação é apenas a oração dos sentidos.

A vocação cristã é vocação de sacrifício, de penitência, de expiação. Temos de reparar pelos nossos pecados (já voltámos a cara tantas vezes para não vermos Deus!) e por todos os pecados dos homens. Precisamos de seguir de perto os passos de Cristo: *trazendo sempre no nosso corpo a mortificação*, a abnegação de Cristo, o seu abatimento na Cruz, *para que também a vida de Jesus se manifeste*

nos nossos corpos. O nosso caminho é de imolação e, nesta renúncia, encontraremos o *gaudium cum pace*, a alegria e a paz.

Não contemplamos o mundo com um olhar triste. Talvez involuntariamente, prestaram um fraco serviço à catequese os biógrafos de santos que queriam encontrar a todo o custo coisas extraordinárias nos servos de Deus, logo desde os primeiros vagidos. E contam de alguns deles que na sua infância não choravam, não mamavam às sextas-feiras por mortificação... Tu e eu nascemos a chorar, como Deus manda; e sugámos o peito da nossa mãe sem nos preocuparmos com Quaresmas nem Têmperas...

Agora, com o auxílio de Deus, aprendemos a descobrir ao longo dos dias (aparentemente sempre iguais) *spatium verae penitentiae*, tempo de

verdadeira penitência; e nesses instantes fazemos propósitos de *emendatio vitae*, de melhorar a nossa vida. Este é o caminho para nos predispormos à graça e às inspirações do Espírito Santo na alma. E com essa graça – repito – vem o *gaudium cum pace*, a alegria, a paz e a perseverança no caminho.

A mortificação é o sal da nossa vida. E a melhor mortificação é a que combate –em pequenos pormenores, durante todo o dia– a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba de vida. Mortificações que não mortifiquem os outros, que nos tornem mais delicados, mais compreensivos, mais abertos a todos. Tu não podes ser mortificado se és susceptível, se só vives os teus egoísmos, se dominas os outros, se não sabes privar-te do supérfluo e, por vezes, até do necessário e, enfim, se te entristeces quando as coisas não correm como tu tinhas previsto.

Serás, pelo contrário, mortificado se souberes fazer-te *tudo para todos para salvar a todos*.

A fé e a inteligência

A vida de oração e de penitência e a consideração da nossa filiação divina transformam-nos em cristãos profundamente piedosos, como meninos pequenos diante de Deus. A piedade é a virtude dos filhos e, para que o filho possa entregar-se nos braços do seu pai, há-de ser e sentir-se pequeno, necessitado. Tenho meditado com frequência na vida de infância espiritual, que não se contrapõe à fortaleza, porque requer uma vontade rija, uma maturidade bem temperada, um carácter firme e aberto.

Piedosos, portanto, como meninos; mas não ignorantes, porque cada um há-de esforçar-se, na medida das suas possibilidades, pelo estudo sério e científico da fé. E o que é isto,

senão teologia? Piedade de meninos, sim, mas doutrina segura de teólogos.

O afã por adquirir esta ciência teológica –a boa e firme *doutrina cristã*– deve-se, em primeiro lugar, ao desejo de conhecer e amar a Deus. Simultaneamente é consequência da preocupação geral da alma fiel por alcançar a mais profunda compreensão deste mundo, que é uma realização do Criador. Com periódica monotonia, há pessoas que procuram ressuscitar uma suposta incompatibilidade entre a fé e a ciência, entre a inteligência humana e a Revelação divina. Tal incompatibilidade só pode surgir, e só na aparência, quando não se entendem os termos reais do problema.

Se o mundo saiu das mãos de Deus, se Ele criou o homem à sua imagem e semelhança e lhe deu uma chispa da

sua luz, o trabalho da inteligência deve ser - embora seja um trabalho duro - desentranhar o sentido divino que naturalmente já têm todas as coisas. E, com a luz da fé, compreendemos também o seu sentido sobrenatural, que resulta da nossa elevação à ordem da graça. Não podemos admitir o medo da ciência, visto que qualquer trabalho, se é verdadeiramente científico, tende para a verdade. E Cristo disse: *Ego sum veritas*. Eu sou a verdade.

O cristão precisa de ter fome de saber. Desde o estudo dos saberes mais abstractos até à habilidade do artesão, tudo pode e deve conduzir a Deus. Efectivamente não há tarefa humana que não seja santificável, motivo para a nossa própria santificação e oportunidade para colaborar com Deus na santificação dos que nos rodeiam. A luz dos seguidores de Jesus Cristo não deve estar no fundo do vale, mas no cume

da montanha para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus.

Trabalhar assim é oração. Estudar assim é oração. Investigar assim é oração. Nunca saímos afinal do mesmo: tudo é oração, tudo pode e deve levar-nos a Deus, alimentar a nossa intimidade contínua com Ele, da manhã à noite. Todo o trabalho honrado pode ser oração e todo o trabalho que é oração é apostolado. Deste modo, a alma fortalece-se numa unidade de vida simples e forte.

A esperança do Advento

Nada mais queria dizer-vos neste primeiro domingo do Advento, quando já começamos a contar os dias que nos aproximam do Natal do Salvador. Vimos a realidade da vocação cristã, ou seja, como o Senhor confiou em nós para levar as almas à santidade, para as

aproximar d'Ele, para as unir à Igreja e estender o reino de Deus a todos os corações. O Senhor quer-nos entregues, fiéis, dedicados, com amor. Quer-nos santos, muito seus.

Por um lado, a soberba, a sensualidade e o tédio, o egoísmo; por outro, o amor, a entrega, a misericórdia, a humildade, o sacrifício, a alegria. Tens de escolher. Foste chamado a uma vida de fé, esperança e caridade. Não podes cruzar os braços e refugiar-te num medíocre isolamento.

Em certa ocasião, vi uma águia encerrada numa jaula de ferro. Estava suja e meia depenada. Tinha entre as garras um pedaço de carne podre. Pensei então no que seria de mim se abandonasse a vocação recebida de Deus. Tive pena daquele animal solitário, enjaulado, que tinha nascido para subir muito alto e olhar de frente o Sol. Podemos ascender

até às *humildes alturas* do amor de Deus, do serviço a todos os homens. Para isso, porém, é preciso que não haja na alma recantos escondidos, onde não possa entrar o sol de Jesus Cristo. Temos de deitar fora todas as preocupações que nos afastem d'Ele; e assim terás Cristo na tua inteligência, Cristo nos teus lábios, Cristo no teu coração, Cristo nas tuas obras. Toda a vida –o coração e as obras, a inteligência e as palavras– cheia de Deus.

Olhai e levantai as vossas cabeças porque está próxima a vossa redenção, lemos no Evangelho. O tempo do Advento é o tempo da esperança. Todo o panorama da nossa vocação cristã, a unidade de vida que tem como nervo a presença de Deus, Nosso Pai, pode e deve ser uma realidade diária.

Invoca comigo Nossa Senhora, e imagina como passaria Ela aqueles

meses à espera do Filho que havia de nascer. E Nossa Senhora, Santa Maria, fará com que sejas *alter Christus, ipse Christus*, outro Cristo, o próprio Cristo.

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de <https://opusdei.org/pt-pt/article/audio-vocacao-crista/> (28/01/2026)